

ESTUDOS NIETZSCHE

VOL. 16 - N. 01 ISSN 2179 - 3441

A realidade fisiopsicológica do tipo Jesus em *O Anticristo* de Nietzsche

The Physio-Psychological Reality of the Jesus-Type in Nietzsche's The Antichrist

Allan Davy Santos Sena 

Mestre em filosofia pela Unicamp. Professor na Secretaria de Estado de Educação do Pará (SEDUC-PA), Belém, PA, Brasil. Contato: allandssena@gmail.com

Resumo: O artigo analisa a interpretação nietzschiana de Jesus em *O Anticristo*, destacando o tipo fisiopsicológico sobre o histórico. Jesus é compreendido como *idiota*, caracterizado por desenvolvimento interrompido, hiperexcitabilidade e incapacidade de resistência, cuja prática evangélica — não resistência, amor incondicional e vivência interior do reino de Deus — expressa sua fisiologia degenerada. Com base em Dostoiévski, Tolstói, Renan e literatura médica do século XIX, argumenta-se que Nietzsche vê a mensagem evangélica não como doutrina ou promessa, mas como prática e experiência, propondo uma leitura coerente e tipologicamente fundamentada do evangelho vivido por Jesus.

Palavras-chave: O Anticristo; Jesus; tipologia; idiotia; hiperexcitabilidade.

Abstract: The article analyzes Nietzsche's interpretation of Jesus in *The Antichrist*, emphasizing the physio-psychological type over the historical. Jesus is understood as an idiot, characterized by arrested development, hyperexcitability, and incapacity for resistance, whose evangelical practice — non-resistance, unconditional love, and the inward experience of the kingdom of God — expresses his degenerate physiology. Drawing on Dostoevsky, Tolstoy, Renan, and nineteenth-century medical literature, it is argued that Nietzsche views the evangelical message not as doctrine or promise but as practice and experience, proposing a coherent and typologically grounded reading of the gospel lived by Jesus.

Keywords: The Antichrist; Jesus; typology; idiocy; hyperexcitability.

Em resposta a uma carta em que Nietzsche elogia Dostoiévski¹, Georg Brandes declara estranhar tal admiração, afirmando que “toda a sua moral é aquilo que você batizou de moral de escravos”². Em outra carta, datada de 23 de novembro de 1888, o crítico literário dinamarquês expõe de forma mais detalhada sua opinião sobre Dostoiévski:

¹ “Creio plenamente em você quando afirma que se pode propriamente ‘renascer na Rússia’; eu conto qualquer livro russo, sobretudo Dostoiévski (traduzido em francês, graças aos céus, não em alemão!!), entre os meus maiores alívios” (carta de Nietzsche a Brandes de 20 de outubro de 1888, KSB 8, p. 456-457).

² Carta de Brandes a Nietzsche de 16 de novembro de 1888 (KGB III/6, p. 353)

Seus heróis não são apenas pobres e lamentáveis, mas também simplórios hipersensíveis, prostitutas nobres, frequentemente alucinados, epiléticos talentosos, candidatos entusiasmados ao martírio [*begeisterte sucher des Martyriums*], justamente o tipo que deveríamos supor entre os apóstolos e discípulos da primeira era cristã (Carta de Brandes a Nietzsche de 23 de novembro de 1888 [KGB III/6, p. 363]).

A semelhança dessa avaliação com a investigação fisiopsicológica que Nietzsche realiza em *O Anticristo*, ao analisar os tipos presentes nos Evangelhos e aproximá-los dos personagens que Dostoiévski descreve (Cf. AC 31, KSA 6, pp. 201-203), mostra que tal leitura era frequente entre a crítica literária da época. O próprio Dostoiévski direcionava esse tipo de interpretação, afirmando que seu grande objetivo era conceber, em seus escritos, o ideal do homem puro, tomando como modelos Cristo, Dom Quixote e os camponeses russos, conferindo-lhes como marca a epilepsia — da qual o próprio escritor sofria —, interpretada por ele como o preço que o frágil corpo humano deveria pagar pela experiência sagrada que precedia seus ataques (Cf. FRANK, 2003, pp. 321-449). Como a redação de *O Anticristo* havia sido concluída quase dois meses antes da carta de Brandes, não há razão para supor que o crítico dinamarquês tenha influenciado a interpretação de Jesus feita por Nietzsche.³

Nossa hipótese é que o diagnóstico de Jesus como idiota, feito por Nietzsche em *O Anticristo*, se associa diretamente à forma como a medicina e a psiquiatria do século XIX⁴ passaram a interpretar fenômenos religiosos. Em uma obra publicada ainda no último ano do século XVIII, *Traité du goître et du crétinisme*, de François-Emmanuel Fodéré (1800), o médico esclarece, em um “Avis sur le mot crétinisme” localizado no início do livro, que a origem do termo “cretino”, usado para se referir a uma forma endêmica de idiotia profunda, remonta à palavra “cristão”, no sentido de “cristão por excelência”, “cristão perfeito”, ou “imitação de Cristo”.⁵

³ É exatamente na carta que Nietzsche envia a Brandes em 20 de novembro de 1888 (KSB 8, pp. 482-483), que *O Anticristo* é, pela primeira vez, identificado como constituindo a *integralidade* da *Transvaloração de todos os valores*, e não somente o seu primeiro livro como havia sido planejado anteriormente.

⁴ Convém salientar que o emprego de categorias como “idiotia”, “degenerescência” ou “hiperexcitabilidade” não deve ser entendido em termos médicos ou psicológicos contemporâneos. Tais noções pertencem ao horizonte científico do século XIX e refletem classificações hoje superadas e carregadas de estigmas, inclusive associados a práticas eugenistas. Seu uso, aqui, tem apenas a função de reconstruir o campo conceitual no qual Nietzsche elaborou sua interpretação da figura de Jesus em *O Anticristo*, avaliando o diálogo crítico do filósofo com a literatura médica e psiquiátrica de sua época, e não uma adesão a essas categorias como diagnósticos legítimos no presente.

⁵ “O bócio [aumento anormal da glândula tireoide] é muito conhecido, pois se encontra em todos os países; mas talvez nem todos os leitores saibam de imediato o que significa a palavra cretinismo. Ela deriva de *crétin*, nome que se dá, em certas regiões, a indivíduos que são completamente estúpidos, e que também são chamados de idiotas, *cagots* etc. A palavra *crétin* vem, por sua vez, de *chrétien* (cristão), *bon chrétien* (bom cristão), cristão por excelência — título que se dá a esses idiotas porque, diz-se, são incapazes de cometer qualquer pecado (em alguns vales, onde essas doenças são endêmicas, ainda se lhes dá o nome de Bem-aventurados, e, após sua morte, conservam-se com veneração suas muletas e suas roupas). Adotei este termo de preferência a outro, porque os indivíduos a que ele se refere são mais do que idiotas e, em consequência, merecem uma designação particular” (FODÉRE, 1800, p. 1).

Dessa forma, propomos que somente ao reinserir o projeto de uma psicologia do redentor no contexto do debate médico e psiquiátrico do século XIX — que relacionava fenômenos religiosos a patologias mentais — é possível compreender a real intenção de Nietzsche. O diagnóstico de Jesus como idiota não tem caráter ofensivo, agressivo ou detrator; não se trata de uma tentativa mesquinha de polemizar, chocar ou provocar indignação nos cristãos, tampouco de uma piada de mau gosto ou sintoma de delírio. Por outro lado, toda tentativa de suavizar a classificação de Jesus, recorrendo a aspas ou buscando interpretações literárias, metafóricas, simbólicas, heréticas, religiosas ou não-médicas, desvia-se da intenção de Nietzsche, que ele mesmo esclarece: deseja ser entendido com o rigor do fisiólogo ao classificar Jesus como idiota (Cf. AC 29, KSA 6, p. 199-200).

No apontamento póstumo 9 [140], do outono de 1887, Nietzsche afirma: “Moral essencialmente enquanto defesa, enquanto meio defensivo: nesse sentido, sintoma do homem que não atingiu a idade adulta” (KSA 12, p. 415). Aqui temos, de certa forma, uma antecipação do juízo que o filósofo fará sobre o sentido fisiopsicológico da prática evangélica de Jesus: uma moral preocupada sobretudo com a defesa, com evitar ser atingido, é sintoma de um desenvolvimento incompleto. Todavia, a prática de Jesus consiste justamente na abolição de toda defesa; não seria isso ainda mais grave, ainda mais “infantil”? Nietzsche possivelmente responderia de maneira afirmativa a essa pergunta, pois, no mesmo póstumo, declara: “Adulto, o homem é antes de tudo possuidor de armas, é ofensivo”.

No apontamento póstumo 10 [86], também do outono de 1887, ao repudiar as figuras de Jesus e Paulo (antes de distingui-las) e condenar suas obras, Nietzsche qualifica Jesus de “terno” e “infantil” (KSA 12, p. 506). Já no apontamento póstumo 11 [365], de novembro de 1887 a março de 1888, um dos textos em que o filósofo empreende claramente a tentativa de construir uma psicologia do redentor, retirando os traços acrescentados pela “tradição”, ele observa: “Falta a tarefa em semelhante vida; ela não quer nada... uma forma de ‘deuses epicúreos’; falta toda razão de possuir metas: tornar-se crianças... tudo está consumado...” (KSA 13, pp. 161-162)

O condicionamento infantil de Jesus, como consequência de uma degenerescência, é detalhado logo em seguida, no apontamento póstumo 11 [368], de novembro de 1887, intitulado “O tipo Jesus”. Nele, Nietzsche provavelmente critica a tentativa do historiador Ernest Renan (Cf. RENAN, 1883) de compor a “história da alma” de seu herói: “Essa fé não é conquistada com luta, não tem uma evolução, uma catástrofe... mas antes é infantil... a infância em tais naturezas é como uma enfermidade” (KSA 13, p. 164).

Em nenhum desses apontamentos, contudo, Nietzsche associa explicitamente o mundo infantil de Jesus à idiotia. Isso ocorre somente no apontamento póstumo 14 [38], da primavera de 1888, intitulado “Tipo ‘Jesus’”, onde o filósofo finalmente diagnostica Jesus como idiota:

O fato de que os verdadeiros instintos viris — não somente os sexuais, mas

igualmente os de luta, orgulho, heroísmo – não foram jamais despertados nele, o fato de que seja retardado [*zurückgeblieben*] e tenha permanecido infantilmente na fase da puberdade: eis o que é próprio de certo tipo de neurose epiléptica (KSA 13, p. 237) ⁶

A idiotia, nesse contexto, é apresentada como um *estado degenerativo*, ou seja, uma realidade fisiológica em que o sujeito não desenvolve plenamente suas faculdades, permanecendo preso a uma fase infantil, com o desenvolvimento interrompido antes da puberdade. Essa concepção coincide plenamente com o conceito nosográfico de idiotia estabelecido por Esquirol⁷ e desenvolvido por Séguin⁸, Félix Voisin (1843) e Jules Voisin (1893), cuja discussão era central na literatura médica do final do século XIX.

Nas obras de Félix e seu sobrinho Jules Voisin, a idiotia deixa de ser entendida unicamente como inabilidade mental, passando a ser considerada um estado degenerativo em que a totalidade das habilidades é interrompida antes que o sujeito atinja a idade adulta. Félix Voisin destaca que, em muitos idiotas, os instintos de conservação encontram-se praticamente ausentes⁹, enquanto Jules Voisin, seguindo Morel¹⁰, identifica como principal característica da idiotia

⁶ Sobre a relação entre idiotia e epilepsia, ver Féré, *Épilepsies et les épileptiques*, 1890, especialmente pp. 231-232.

⁷ “A idiotia não é uma doença; é um estado em que as faculdades intelectuais nunca se manifestaram, ou não puderam se desenvolver o suficiente para que o idiota pudesse adquirir os conhecimentos correspondentes à educação que recebem os indivíduos de sua idade e colocados nas mesmas condições que ele. A idiotia começa com a vida ou naquela idade que precede o pleno desenvolvimento das faculdades intelectuais e afetivas; os idiotas são o que devem ser ao longo de toda a sua vida; tudo revela neles uma organização imperfeita ou interrompida em seu desenvolvimento. Não se concebe a possibilidade de mudar esse estado.” (ESQUIROL, 1838, p. 284). Ver também: ESQUIROL, 1818, pp. 507-524, especialmente: “Eles são incuráveis; não se concebe a possibilidade de curá-los” (p. 508).

⁸ “O idiota, mesmo o superficial, apresenta uma interrupção no desenvolvimento fisiológico e psicológico; a criança retardada não se interrompe no seu desenvolvimento, apenas se desenvolve mais lentamente do que as crianças de sua idade; ela fica atrás em toda a linha de seus progressos; e esse atraso, cada dia mais considerável, acaba por estabelecer entre ela e as demais uma diferença enorme, uma distância intransponível” (SÉGUIN, 1843, p. 72). Ver também: SÉGUIN, 1897, especialmente: “A idiotia é uma enfermidade do sistema nervoso, que tem como efeito radical subtrair total ou parcialmente os órgãos e as faculdades da criança à ação regular de sua vontade, entregando-a aos seus instintos e afastando-a do mundo moral” (p. 107).

⁹ “A idiotia não respeita nenhuma faculdade, seja de que ordem for, e não possui um lugar determinado. Ela pode atingir o homem parcial ou completamente, em todas as potencialidades de seu ser. Ora ela o atinge em seus instintos de conservação e reprodução; ora em seus sentimentos morais; ora em suas faculdades intelectuais; ora em suas capacidades de percepção; ela pode atingir um ou outro desses poderes fundamentais, sem que os demais deixem, por isso, de cumprir aquilo que eu chamaria voluntariamente de suas funções individuais” (VOISIN, 1843, p. 260). “A idiotia poderia, portanto, ser definida como aquele estado particular em que os instintos de conservação e de reprodução, os sentimentos morais e os poderes intelectuais e perceptivos nunca se manifestaram, ou aquele estado particular em que essas diferentes potencialidades do nosso ser, em conjunto ou separadamente, se desenvolveram apenas de forma imperfeita” (VOISIN, 1843, pp. 260-261). “De fato, se consultarmos os fatos, vemos que às vezes se pode ter mais ou menos inteligência, e não possuir, ou possuir apenas em um grau muito baixo, tal ou tal faculdade de conservação” (VOISIN, 1843, p. 261).

¹⁰ “Um dos caracteres mais essenciais das degenerescências é o da transmissão hereditária, mas em condições muito mais graves do que aquelas que regem as leis ordinárias da hereditariedade. A observação rigorosa dos fatos nos demonstrará que, salvo certas circunstâncias excepcionais de regeneração, os descendentes dos seres degenerados apresentam tipos de degradação progressiva. Essa progressão pode atingir tais limites que a humanidade só se vê preservada pelo próprio excesso

profunda a esterilidade e o não desenvolvimento da virilidade.¹¹

Em toda a investigação do tipo psicológico do redentor em *O Anticristo*, Nietzsche não discute a idiotia de Jesus apenas em termos de inabilidade mental — entendida de forma vulgar como deficiência cognitiva —, mas sim, em um sentido mais geral, como inabilidade de desenvolvimento. De forma mais específica, trata-se de uma inabilidade para lutar, resistir, conservar-se, manifestar instintos viris, entre outros. Se Jesus não é um gênio, como pretendeu defender Renan, isso decorre principalmente de sua incapacidade de entrar em contato com qualquer realidade concreta, resultado direto de sua dificuldade em resistir às excitações externas. Consequentemente, ele não consegue compreender as necessidades do homem público, nem apreender noções de tempo, espaço, identidade, alteridade, ciência, lei, arte, política, economia, cultura, moral, lógica, conceitos, doutrinas, dogmas ou religião.

Isso, porém, não significa que Jesus seja um idiota completo ou que sofra de idiotia profunda — estado em que o sujeito permanece praticamente vegetativo, alheio a tudo e a todos. Ele pode ter desenvolvido boa parte de suas faculdades cognitivas; o que ocorre é que, devido à incompletude de certas habilidades, seu intelecto não funciona de maneira “regular” ou “normal”, ou seja, não opera como o de um homem público, sendo incapaz de compreender a realidade em que este habita. Não se deve confundir esse desconhecimento sobre os assuntos do homem de Estado com simples ignorância ou ingenuidade: trata-se de uma incapacidade específica, um tipo de inabilidade que define o diagnóstico de Nietzsche.

Em *O Anticristo*, a realidade fisiológica de Jesus como expressão de um desenvolvimento interrompido aparece relacionada a duas fontes importantes para Nietzsche: Dostoiévski e Renan. Como vimos na seção 31, o filósofo menciona um idiotismo “infantil” que remete a romances russos, bem como uma combinação de “sublime, enfermo e infantil” — termos que, embora aplicados ao contexto de Jesus, se referem mais amplamente ao mundo que o cerca, do qual ele faz parte, e que Dostoiévski descreve com maestria.

Na seção 32, Nietzsche observa que a boa nova de Jesus é a de que o reino de Deus pertence às crianças:

A “boa nova” é justamente que não mais existem oposições; o reino do céu pertence às crianças; a fé que aí se exprime não é uma fé conquistada

do mal, e a razão é simples: a existência dos seres degenerados é necessariamente limitada e, coisa maravilhosa, nem sempre é necessário que eles cheguem ao último grau da degradação para que permaneçam atingidos pela esterilidade e, consequentemente, incapazes de transmitir o tipo de sua degenerescência” (MOREL, 1857, pp. 4-5). “A idiotia seguiu uma marcha ascensional, e esse infeliz que, do ponto de vista das funções geradoras, não está mais avançado que uma criança de 12 anos, cuja cabeça é pequena e malconformada, e cujo rosto imberbe não revela nenhuma expressão de virilidade, devia ser, independentemente de sua afecção mental intercorrente, o último descendente de sua família” (MOREL, 1857, p. 126).

¹¹ “Essa degradação progressiva [da degenerescência hereditária] é a regra, e a regeneração de uma raça é algo muito difícil. — A degradação, portanto, vai aumentando constantemente e pode atingir graus tais que cria limites a si mesma, de modo que a humanidade se vê, por assim dizer, protegida pelo próprio excesso do mal, que conduz à esterilidade; é o que veremos na degenerescência levada ao seu último termo, a idiotia cretinoide” (VOISIN, 1893, p. 14).

— ela está aí, existe desde o começo, é como que um infantilismo recuado [zurückgetretene] para o plano espiritual (KSA 6, p. 203)

A idiotia infantil presente nos romances russos e a mistura de sublime, enfermo e infantil remetem a diversas obras de Dostoiévski, particularmente *Humilhados e Ofendidos*, com os personagens Aliocha e Kátia, e, de forma mais completa, *O Idiota*, com a figura do príncipe Míchkin, que Nietzsche provavelmente havia lido a respeito.¹² Já a ideia de que a boa nova de Jesus consistia em afirmar que o reino de Deus [Reich Gottes] ou o reino do céu [Himmelreich]¹³ pertence às crianças é retomada por Renan no capítulo XI de *Vie de Jésus*, “O reino de Deus concebido como o advento dos pobres”, em que o historiador defende que, nos primeiros dias de sua pregação na Galiléia, após seu encontro com João Batista, Jesus concebeu tal ideal.¹⁴

Nietzsche certamente levou a sério a observação de Renan de que foi a infância — naquele eterno momento de alegria e “ingenuidade” — que reinou sobre a Terra. Contudo, mesmo que Renan, com suas “delicadas nuances”, sugerisse que tal reino infantil pudesse ser produto de enfermidade (caso a insignificância do homem moderno assim o julgasse — diria o historiador), e que Dostoiévski admitisse que o homem puro é enfermo e idiota devido à fragilidade de seu corpo diante do sagrado, seria possível afirmar que algum deles tenha sido determinante para que Nietzsche lesse fisiologicamente o mundo infantil de Jesus, sua boa nova, como consequência da idiotia?

Em nossa proposta interpretativa, sustentamos que a continuação da passagem da seção 32 de *O Anticristo* indica claramente que a leitura que Nietzsche

¹² Para a hipótese de uma fonte indireta de Nietzsche no que diz respeito ao romance *O Idiota*, ver CAMPIONI, 1993, p. 144, nota. Defendemos que o mais provável é que Nietzsche tenha tomado conhecimento da natureza e do conteúdo principal do romance *O idiota* por meio de uma fonte indireta: a obra de Eugène-Melchior De Vogüé, *Le roman russe*, publicada em 1886, que consiste numa coletânea de artigos já antes publicados na “Revue des Deux Mondes”, periódico francês bastante lido e apreciado por Nietzsche. Na quarta seção do capítulo V de *Le roman russe*, intitulado “La religion de la souffrance”, De Vogüé faz uma análise do príncipe Míchkin que está bem próxima das considerações psicológicas que Nietzsche faz acerca do tipo idiota em *O Anticristo*. No apontamento póstumo 25 [4] do dezembro de 1888 – início de janeiro de 1889, Nietzsche faz uma menção a De Vogüé (KSA 13, p. 639).

¹³ Em nota a seguinte passagem: “O nome de ‘reino de Deus’ ou de ‘reino do céu’ foi o termo favorito de Jesus para exprimir a revolução que ele inaugurava no mundo.” Renan esclarece que: “A palavra ‘céu’, na linguagem rabínica daquela época, é sinônimo do nome de ‘Deus’, que se evitava pronunciar” (Renan, 1883, p. 91, nota 3). E no apontamento 11 [391] de novembro de 1887 a março de 1888, que faz parte dos extratos colhidos de *Vie de Jésus*, Nietzsche anota: “Na linguagem rabínica dessa época, ‘céu’ é equivalente a ‘Deus’: evitava-se pronunciar o seu nome” (KSA 13, p. 183).

¹⁴ “O reino de Deus é feito: 1º para as crianças e para aqueles que se assemelham a elas; 2º para os rejeitados deste mundo, vítimas da arrogância social, que repele o homem bom, mas humilde; 3º para os hereges e cismáticos, publicanos, samaritanos, pagãos de Tiro e de Sídon” (RENAN, 1883, p. 136). “Ele não perdia ocasião de repetir que os pequenos são seres sagrados, que o reino de Deus pertence às crianças, que é preciso tornar-se criança para nele entrar, que se deve recebê-lo como criança, que o Pai celeste esconde seus segredos aos sábios e os revela aos pequenos. A ideia de seus discípulos quase se confundia, para ele, com a das crianças. Um dia, quando tiveram entre si uma dessas querelas de precedência, que não eram raras, Jesus tomou uma criança, colocou-a no meio deles e lhes disse: ‘Eis o maior; aquele que for humilde como este pequeno é o maior no reino do céu.’ Era a infância, de fato, em sua divina espontaneidade, em seus ingênuos deslumbamentos de alegria, que tomava posse da terra” (RENAN, 1883, p. 142).

faz da mensagem de Jesus como resultado de uma inabilidade de desenvolvimento vai muito além do que Renan ou Dostoiévski abordam. Nietzsche afirma: “O caso da puberdade retardada [*verzögerten*] e não desenvolvida [*unausgebildeten*] no organismo, como consequência da degenerescência, é familiar aos fisiologistas, pelo menos” (KSA 6, p. 203).

Mesmo recorrendo a termos problemáticos já na época, como “retardado” [*verzögerten*] ou, na seção 31, “idiotismo” (que já há muito havia sido substituído por *idiotia*¹⁵), Nietzsche oferece uma definição fisiologicamente precisa: permanecer infantil durante a puberdade caracteriza o idiota. Nem em Renan nem em Dostoiévski encontramos essa formulação tão rigorosa. Somente após identificar Jesus com aquilo que a psiquiatria da época entendia como idiotia Nietzsche pôde se apropriar das visões de Dostoiévski e Renan, conferindo-lhes um sentido rigorosamente fisiológico.

Nossa interpretação também sustenta que esta declaração, em particular, na seção 32 de *O Anticristo*, desqualifica qualquer tentativa de atribuir um sentido meramente metafórico ou simbólico à classificação de Jesus como idiota feita por Nietzsche.

Em *O Anticristo*, a noção de puberdade interrompida ou detida parece subordinada ao que Nietzsche considera a realidade fisiológica fundamental do idiota: a hiperexcitabilidade, fenômeno que caracteriza a degenerescência para Charles Féré¹⁶ e que, no caso de Jesus, atinge um grau extremo. Nietzsche apresenta essa realidade na seção 29, imediatamente após diagnosticar o tipo Jesus: “Conhecemos um estado de doentia excitabilidade do tato [*krankhafter Reizbarkeit des Tastsinns*], no qual se recua, tremendo, ante qualquer contato, qualquer apreensão de um objeto sólido” (KSA 6, p. 200).

Segundo o filósofo, essa excitabilidade faz com que todo contato com a realidade provoque uma dor insuportável a Jesus. Por isso, ele se volta para o interior, evitando qualquer forma de contato, resistência ou conflito, a fim de escapar do sofrimento. Na literatura médica do século XIX, a incapacidade de suportar dor é apontada como um dos principais sintomas da idiotia profunda.¹⁷

O fenômeno da hiperexcitabilidade constitui, assim, a realidade fisiológica central da degenerescência. A partir de Morel, esta passa a ser entendida como um

¹⁵ “Do termo *idiotia*, *idiot*, fez-se *idiotismo*, expressão desconhecida pelos antigos, que só foi adotada nos dias atuais. Por que não preferir o termo *idiotia*, que teria expressado apenas uma ideia médica, e que não seria, como o termo *idiotismo*, reivindicado pelos gramáticos?” (ESQUIROL, 1818, p. 507. Cf. também ESQUIROL, 1838, p. 284).

¹⁶ Cf. FÉRÉ, 1887 e 1888. Sobre a influência de Féré nos últimos escritos de Nietzsche, ver o belo trabalho de Grzelczyk, (2005, pp. 188-205). Ver também o trabalho seminal de Lampl, (1986, pp. 225-264). Outro importante trabalho é de Wahrig-Schmidt (1988, pp. 434-464).

¹⁷ “A sensibilidade tátil, a impressionabilidade ao frio, ao calor, à eletricidade, aos diversos agentes atmosféricos, é frequentemente extrema e levada até o maravilhoso no idiota, mesmo naquele que apresenta o exemplo de insensibilidades parciais, como quando se golpeia ou se morde violentamente” (SÉGUIN, 1846, p. 100). “Quando a sensibilidade tátil geral é muito viva, o idiota se compraz no maior calor possível, e o frio o impressiona de modo desagradável; não se poderia tocá-lo sem superexcitar seu sistema nervoso ao mais alto grau, basta mesmo tocar a cadeira ou a roupa, ou os cabelos de alguns para que neles se desenvolva uma excitação dolorosa, mórbida, violenta; mas esse não é o caso mais frequente” (SÉGUIN, 1846, p. 145).

processo hereditário e progressivo. Para Féré, quanto mais baixo se encontra o sujeito na cadeia degenerativa, mais exagerada será sua hiperexcitabilidade (caso tenha desenvolvido capacidades sensitivas) e, conseqüentemente, maior será seu esgotamento e sua incapacidade de responder aos estímulos externos.¹⁸

Féré defende em seus estudos que todo sujeito degenerado se torna mais suscetível à dor: sua sensibilidade mórbida o torna vulnerável a qualquer excitação, por mínima que seja. A intensidade com que representa mentalmente essas excitações exige respostas igualmente intensas, o que provoca descarga exagerada de energia e leva à exaustão. Assim, suas representações mentais não encontram respostas adequadas, predominando a sensação de desprazer, impotência e dor.¹⁹ Um indivíduo com grau extremo de degenerescência, devido à hiperexcitabilidade aguda, encontra-se desprotegido frente ao mundo externo e incapaz de resistir ou reagir aos estímulos mais sutis.

Mas como subordinar o entendimento da idiotia enquanto desenvolvimento interrompido à noção de hiperexcitabilidade? Vimos que Nietzsche se refere à idiotia de Jesus como infância interrompida ou detida justamente quando fala do reino do céu como pertencente às crianças, uma realidade psicológica, um estado do coração. Por não suportar o contato com a realidade, o idiota Jesus cria o seu reino de Deus interiormente, sentindo a necessidade de voltar-se sobre si mesmo. Pode-se postular que, em certa fase da infância, ele deixou de crescer (em um amplo aspecto), incapaz de enfrentar as mudanças e transformações necessárias para tornar-se adulto, “preferindo” permanecer criança. Sem contato com a realidade, esse tipo se fixou em um estágio inicial, tendo experimentado apenas um contato parcial com o mundo externo.

É a noção de hiperexcitabilidade que permite identificar as chaves para compreender o evangelho — aquelas que possibilitam reconstituir a autêntica mensagem de Jesus, seu verdadeiro significado de vida e morte. Nietzsche encontra essas chaves em duas máximas centrais da boa nova: “não resistais ao homem mau” (Mateus, 5:39) e “o reino de Deus está no meio de vós” (Lucas, 16:21) (que ele traduz por “o reino de Deus está em vós”). À primeira vista, pode parecer que tais sentenças foram escolhidas ao acaso, por intuição; contudo, considerando o pano de fundo conceitual em que Nietzsche se baseou, não se trata de

¹⁸ “No degrau mais baixo da escala dos degenerados encontra-se o idiota, que, com uma decadência psíquica mais profunda, apresenta também caracteres somáticos mais nítidos, dignos de serem colocados em paralelo com os caracteres somáticos dos mais inferiores entre os criminosos, aqueles que foram condenados à morte pela atrocidade de seus delitos e que podem ser considerados como idiotas morais” (FÉRE, 1888, p. 86).

¹⁹ “Os sujeitos enfraquecidos, os degenerados, os neuropatas são mais submetidos que os outros aos efeitos dinamogênicos ou exaustivos das excitações vindas de fora; eles estão sem cessar em um estado de equilíbrio instável, semelhante a uma balança desregulada, que um simples toque basta para fazê-la pender para um lado ou para o outro. Vê-se, assim, que estão sujeitos ao contágio das emoções e a todos os fenômenos de indução psicomotora. São maus acumuladores: neles, a impressão atual determina uma necessidade de reação tão urgente e intensa que a representação mental das conseqüências do ato se apaga completamente; e disso resulta que são capazes dos maiores desvios” (FÉRE, 1887, pp. 132-133).

arbitrariedade.

Com Féré, Nietzsche constatou que sujeitos degenerados têm sua força de resistência comprometida, agravando-se quando a degenerescência é hereditária. Com Tolstói, concebeu um cristianismo cuja realidade psicológica é privada, marcado pela recusa à luta e à defesa. Com Dostoiévski, percebeu que uma constituição extremamente enferma pode encontrar felicidade em sua própria interioridade. Ao reler Renan, identificou semelhanças entre essa bem-aventurança de um sujeito enfermo e a boa nova de Jesus, seu reino de Deus.

Dessa forma, a palavra de ordem de Jesus, “não resistais ao homem mau”, torna-se o caminho para a bem-aventurança — o reino de Deus — no amor incondicional, no coração. Essas duas máximas funcionam como chaves interpretativas que permitem restituir ao tipo de Jesus os traços originais retirados e eliminar os acréscimos indevidos da “tradição”, operada pelos apóstolos, pela comunidade inicial, por Paulo e pela Igreja. Nietzsche encontrou essas máximas em Renan, Tolstói (1885) e Dostoiévski, mas a explicação fisiológica de sua necessidade — a idiotia, a hiperexcitabilidade e o esgotamento — foi obtida na literatura médica do século XIX. Embora não seja possível estabelecer uma primazia cronológica, é certo que Nietzsche dá nova significação primeiro ao que encontra em Tolstói, depois em Dostoiévski e, por último, em Renan, ao associar essas leituras com os conhecimentos médicos e psiquiátricos da época.

A realidade evangélica vivenciada por Jesus resulta de um instinto básico de conservação, que leva certos tipos degenerados de sujeitos a não mais resistir e a voltar-se para o próprio interior. Sua boa nova se expressa tanto em sua prática de vida quanto em sua morte: anuncia que essa experiência beatífica — o reino de Deus — está ao alcance de todos, permitindo que qualquer pessoa se torne filho de Deus como ele, mediante a prática da não-resistência e do amor total, sem subtração por ninguém.

Devido à incapacidade de resistência e luta, característica dos sujeitos degenerados segundo Féré — e que, em Jesus, atinge seu ápice —, ele não poderia ser herói, como sugeria Renan. Toda forma de resistência a um obstáculo, ou a qualquer estímulo, provocaria dor lancinante: primeiro, devido à hiperexcitabilidade, que torna toda sensação intensa demais; depois, pelo esgotamento, resultado de uma reserva mínima de força, insuficiente para responder adequadamente, gerando profunda impotência, infelicidade, desprazer e dor.

Por instinto, Jesus compreendeu que sua felicidade residia em aceitar sua condição, convertendo a incapacidade de resistir em “não querer” mais resistir — seja em ato, seja no coração —, e vendo na entrega voluntária sua única possibilidade de prazer, felicidade e paz da alma. Como afirma Nietzsche: “Se existe algo não evangélico, é o conceito de herói. Justamente o contrário de todo pelejar, de todo sentir-se-em-luta, tornou-se aí instinto: a incapacidade de resistência torna-se aí moral” (AC 29, KSA 6, pp. 199-200).

Jesus não se abstém de se defender por escolha consciente, mas devido à

sua compleição fisiológica degenerada. A hiperexcitabilidade obriga sujeitos degenerados a responder constantemente aos estímulos mais sutis; essa necessidade permanente de defesa leva ao esgotamento do organismo, tornando toda resistência inviável. Como escreve Nietzsche em *Ecce homo*: “Pela simples necessidade constante de defesa é possível tornar-se fraco a ponto de não mais poder se defender.” (EH, Por que sou tão inteligente 8, KSA 6, p. 292,). No apontamento póstumo 14 [65] da primavera de 1888, intitulado “*Décadence*”, o filósofo enfatiza que a incapacidade de resistência constitui o núcleo das disposições doentias, transmitidas hereditariamente:

Décadence. O que se transmite, não é a doença, é a *disposição doentia*: a incapacidade de resistir ao perigo de uma intrusão nociva, etc.; a força de resistência quebrada, – ou, *moralmente* falando: a resignação e a humildade diante do inimigo; o *enfraquecimento* como renúncia à vingança, à resistência, à hostilidade e à cólera [...] A *fraqueza hereditária* como sentimento *dominante*: causa dos supremos valores” (KSA 13, p. 250).

Deste modo, o idiota Jesus encontrou um caminho em que a não-resistência e a aceitação de si mesmo se tornam o fundamento da bem-aventurança. Sua própria incapacidade transforma-se em virtude: é ela que impede a ocorrência da dor. Por isso, Nietzsche vê na prática de vida cristã descrita por Tolstói em *Ma religion* a representação do cristianismo mais coerente e conseqüente consigo mesmo. Tolstói estava certo: na não-resistência se encontra todo o evangelho. Como observa Nietzsche, “‘não resista ao mal’, a frase mais profunda dos evangelhos, sua chave em certo sentido, a beatitude na paz, na brandura, no não poder ser inimigo” (AC 29, KSA 6, p. 200).

Jesus pode não ter sido o primeiro a pregar o amor ao próximo; todavia, nele “próximo” não significa apenas o correligionário, o amigo ou o concidadão. Na prática de Jesus, o amor ao próximo é redimensionado e ampliado, abrangendo especialmente o inimigo — pessoal ou político — cuja prova de força reside na não-resistência ao homem mau, ao “outro”, ao estrangeiro. Trata-se de um cristianismo lógico, com coerência interna que o cristianismo eclesiástico jamais poderá atingir. Em Jesus não existe mais “eu”, “ele”, “nós” ou “vós”; existe apenas o amor, os objetos desse amor, o Pai [Abba] e seus filhos.

Como também observou Renan, a mensagem de Jesus não se confunde com doutrinas, dogmas, instituições, ritos ou sacerdócio. Não depende da aceitação de absurdos, fantasias, promessas ou compromissos formais. A mensagem de Jesus é sua vida, sua prática, é “um fazer, sobretudo um não-fazer-muitas-coisas” (AC 29, KSA 6, p. 200). É por isso que Nietzsche vê nos “cinco mandamentos” registrados por Tolstói — oferecidos por Jesus para evitar conflitos, resistência ao mal e defesa — a descrição mais lógica do modo como o idiota Jesus, um homem-privado, agiria por instinto. Esse comportamento, naturalmente adequado à sua constituição, aboliria, ainda que inconscientemente, os alicerces da sociedade estatal, baseada na coerção e na violência organizada do homem público (Cf. FP

1887, 11 [252], KSA 13, p. 97, e TOLSTÓI, 1885, p. 49). Como declara Nietzsche:

Não é uma “fé” que distingue o cristão: o cristão age, ele diferencia-se por agir *diferentemente*; por não oferecer resistência, em palavras ou no coração, àquele que é mau para com ele; por não fazer diferença entre forasteiros [*Fremden*] e nativos [*Einheimischen*], entre judeus e não judeus (“o próximo”, [antes era] na verdade o correligionário, o judeu), por não encolerizar-se com ninguém; por não se deixar ver nem invocar nos tribunais (‘não jurar’ [Mateus, V, 34]); por não separar-se de sua mulher em nenhuma circunstância, mesmo havendo provas de infidelidade da mulher. – Tudo um princípio, no fundo; tudo consequência de um instinto – (AC 33, KSA 6, p. 205).

A noção de idiota como homem privado não se refere àqueles que *escolhem* não participar dos negócios públicos, mas àqueles *incapazes* de se envolver com os afazeres do Estado. Na prática de Jesus, encontramos o exemplo mais evidente desse tipo. O fundamento da política reside na distinção entre “amigo” e “inimigo”²⁰: quem não reconhece a existência de inimigos não sente necessidade de proteção ou defesa. Esse indivíduo não considera nada como sua posse — nem o corpo, a vida, a esposa, os filhos, os vizinhos, a casa, o território ou a nação. Ele não possui propriedade, está fora da esfera política e desconhece qualquer instituição destinada à proteção da propriedade, como juramentos, votos, tribunais ou exército.²¹

É por isso que, em sua investigação, Nietzsche não se preocupa com o Jesus histórico — ou seja, com quem ele realmente foi, em que cidade nasceu, em que ano exato, quem foi seu pai, sua árvore genealógica, o que fez e disse, quais palavras utilizou, quem foram seus amigos, qual sua relação com a família, se teve irmãos, como se deu sua educação, se viajou além da Palestina, quem foram seus seguidores, se foi discípulo de João, como morreu, por que se acreditou em sua ressurreição e o que ocorreu com seu corpo. Se o objeto de investigação fosse o Jesus histórico, por que Nietzsche não faz nenhuma referência arqueológica ou a textos historicamente autênticos, como os de Josefo? Não há menção a escritos apócrifos, nem análises da situação econômica ou política da Palestina ou de sua relação com o Império. Strauss (1837) e Renan utilizam essas ferramentas no labor histórico.

É certo que Nietzsche também busca inaugurar uma nova concepção de história, mas, em nossa interpretação, essa abordagem não se mostra viável diante

²⁰ Cf., nesse sentido, Schmitt: “Um mundo onde a eventualidade da luta [armada] tiver sido inteiramente afastada e banida, um planeta definitivamente pacífico será um mundo sem discriminação de amigo e inimigo e por consequência um mundo sem política” (Schmitt, 1992, p. 93).

²¹ “Desde minha infância até a idade viril, me ensinaram a venerar aquilo que está em flagrante contradição com a lei de Jesus: reagir ao agressor, vingar-se; pela violência, em resposta a ofensas contra minha pessoa, minha família e meu povo [...] Tudo o que me cercava: minha segurança e a da minha família, minha propriedade, tudo isso repousava, portanto, sobre uma lei reprovada por Jesus, sobre a lei: ‘dente por dente’ [...] Eu não percebia que era impossível confessar Jesus Cristo, Deus, cuja doutrina tem como base: ‘Não resista ao perverso’, e, ao mesmo tempo, trabalhar com premeditação na organização da propriedade, dos tribunais, do Estado, dos exércitos — em resumo, organizar uma existência contrária à doutrina de Jesus” (TOLSTÓI, 1885, p. 20).

da corrupção psicológica dos Evangelhos, a qual constitui um atentado incomparável ao sentido histórico. Ademais, vinte e cinco anos antes de escrever *O Anticristo*, Nietzsche declarou a Overbeck, em discussão sobre *Vie de Jésus* de Renan: “Escrever uma biografia de Jesus é uma aberração pela simples razão de que não se pode escrever a biografia de uma vida cuja tradição, excetuando poucas notas, compreende, com toda probabilidade, apenas um ano” (*apud* SOMMER, 2000, p. 286). Já em 23 de fevereiro de 1887, no calor de sua releitura do livro de Renan, Nietzsche expressa a Overbeck a intuição de que talvez não seja apenas a história de Jesus que se mostre impossível de ser escrita:

Neste inverno eu li também as *Origens* [do Cristianismo] de Renan, com muita malícia e – pouco proveito. Toda essa história das condições e dos *sentimentos* da Ásia Menor me parece comicamente suspensa no ar. Finalmente, minha desconfiança chega a se perguntar se a história é em geral *possível*. O que se quer estabelecer? – algo que, no momento em que o evento ocorreu, não tinha nenhuma estrutura própria “estabelecida”? (KSB 8, p. 28)

Essas declarações de Nietzsche reforçam a hipótese de que, em sua interpretação da figura de Jesus, os aspectos tipológicos se sobrepõem aos biográficos e históricos. Isso não significa, naturalmente, que Nietzsche negue a existência do Jesus histórico — essa não é a questão central. O que importa para ele é compreender a possibilidade de um tipo, de uma realidade psicológica que pode existir a qualquer tempo, que *sempre foi e sempre será historicamente possível*. Nos Evangelhos, esse tipo pode ainda ser encontrado, por ter sido conservado e transmitido; talvez tenha sido preservado da corrupção psicológica herdada do código sacerdotal e posta em prática ali. O Jesus histórico, se é que sua existência tem relevância para o argumento, provavelmente foi apenas um representante de tal tipo psicológico. Qualquer um pode tornar-se portador da boa nova, um alegre mensageiro: todo aquele que sente e age como Jesus é, como ele, um filho de Deus:

É absurdamente falso ver numa “fé”, na crença da Salvação através de Cristo [*Erlösung durch Christus*], por exemplo, o distintivo do cristão: apenas a *prática* cristã, uma vida tal como a *viveu* aquele que morreu na cruz, é cristã... Ainda hoje uma vida *assim* é possível, para determinadas pessoas é até necessário: o cristianismo [*Christenthum*] autêntico, original sempre será possível... (AC 39, KSA 6, p. 211).

O cristianismo [*Christenthum*] é ainda possível a todo instante... [...] Quem disser “eu não quero ser soldado”, “eu não me ocupo com os tribunais”, “eu não requisito os serviços da polícia” – esse será cristão... “Eu não quero nada que possa prejudicar a paz em mim mesmo: e se eu devo sofrer nada me conservará melhor a paz do que o sofrimento”... (FP 1887, 11 [365], KSA 13, p. 162).

A boa nova de Jesus afirma que, mediante a prática do amor incondicional, homem e Deus não estão separados por nenhum abismo; as noções de pecado, castigo, recompensa, juízo e redenção perdem todo sentido e deixam de existir:

Não se acha, em toda a psicologia do “evangelho”, o conceito de culpa e castigo; nem o conceito de recompensa. O “pecado” e qualquer relação distanciada entre Deus e homem estão abolidos — justamente isso é a “boa nova” (AC 33, KSA 6, p. 205).

O portador dessa mensagem, o alegre mensageiro, assegura que tudo se cumpriu: não há mais tarefas, ritos, orações ou necessidade de intermediação. “Somente a prática evangélica conduz a Deus; ela justamente é Deus” (AC 33, KSA 6, p. 205). A morte de Jesus não é senão o cumprimento de sua prática: “A vida do redentor não foi senão essa prática — sua morte também não foi senão isso...” (AC 33, KSA 6, p. 205). Ele não morreu por seus pecados, pelos pecados da humanidade, nem para salvar ou redimir alguém — a noção de culpa, seja sua ou da humanidade, nunca tocou seu ser: “Acertou contas com a doutrina judaica de penitência e reconciliação; sabe que apenas com a prática da vida alguém pode sentir-se ‘divino’, ‘bem-aventurado’, ‘evangélico’, a qualquer momento um ‘filho de Deus’” (AC 33, KSA 6, p. 206).

Ele tampouco decidiu, em última instância, ir ao encontro da morte resignadamente, pois esta não faz parte de seu mundo; ele desconhece a noção fisiológica de morte, assim como a ideia de uma vida futura — crença, aliás, estranha ao judaísmo. Jesus só conhece sua alegria, sua bem-aventurança, que é eterna e não se encontra aprisionada pelas noções de tempo e espaço: “Todo o conceito de morte natural está ausente no evangelho: a morte não é uma ponte, uma passagem, ela não está presente, pois pertence a um mundo inteiramente outro, apenas aparente, útil apenas para signos. A ‘hora da morte’ não é um conceito cristão — a ‘hora’, o tempo, a vida física e suas crises não chegam a existir para aquele que ensina a ‘boa nova’...” (AC 34, KSA 6, p. 207).

Com sua prática e com o exemplo de sua morte, Jesus não oferece a promessa de uma felicidade futura; oferece algo presente: a paz da alma, a beatitude, o reino de Deus. Entretanto, é justamente a partir de sua morte que se inicia a falsificação de sua mensagem, entendida não mais como prática, mas como doutrina, com a “verdade revelada” transformada em promessa.

A leitura que Nietzsche faz de Jesus em *O Anticristo* não se prende ao histórico, nem ao biográfico, mas ao tipológico e fisiológico, revelando um sujeito cuja vida e morte são a expressão viva de uma realidade psicológica radicalmente diferente da experiência do homem público. Jesus, o idiota, o homem privado, torna-se o modelo de uma existência na qual a incapacidade de resistência e a hiperexcitabilidade não são fraquezas, mas a própria condição de possibilidade da beatitude. Sua boa nova não promete nada para o futuro, não institui dogmas nem obriga a ritos; ela se cumpre na prática, no instante presente, na interioridade que transcende tempo e espaço, oferecendo um exemplo de vida cuja coerência desafia todas as tentativas posteriores de sistematização teológica ou moral. É nesse deslocamento — da biografia para o tipo, da história para a fisiologia, da promessa para a prática — que se encontra a radicalidade do cristianismo original conforme Nietzsche, revelando, enfim, que este reino de Deus (a beatitude apropriada para certos tipos de vida), tão paradoxal quanto simples, não se impõe, mas se vive.

Referências bibliográficas

CAMPIONI, Giuliano. *Sulla strada di Nietzsche*. Pisa: ETS, 1993.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O idiota: romance em quatro partes*. Tradução, prefácio e notas Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2002.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Os Demônios*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Ed. 34, 2004.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Humilhados e ofendidos*. Tradução, posfácio e notas Fátima Bianchi. São Paulo: Editora 34, 2018.

ESQUIROL, Jean-Étienne Dominique. "Idiotisme". In: *Dictionnaire des sciences médicales*. Vol. XXIII. Paris: C.L.F., Panckoucke, 1818, pp. 507-524.

ESQUIROL, Jean-Étienne Dominique. *Des maladies mentales considérées sous les rapports médical, hygiénique et médico-légal*. Tome 2. Paris: J.-B. Baillière, 1838.

FÉRÉ, Charles. *Sensation et mouvement: études expérimentales de psycho-mécanique*. Paris: Félix Alcan, 1887.

FÉRÉ, Charles. *Dégénérescence et criminalité: Essai physiologique*. Paris: Félix Alcan, 1888.

FÉRÉ, Charles. *Épilepsies et les épileptiques*. Paris: Félix Alcan, 1890.

FODÉRE, François-Emmanuel. *Traité du goître et du crétinisme*. Paris: Bernard, 1800.

FRANK, Joseph. *Dostoiévski: os anos milagrosos, 1865-1871*. Tradução de Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: EDUSP, 2003.

GRZELCZYK, Johan. "Féré et Nietzsche. Au sujet de la décadence". In: *Association le Lisible et l'illisible/Le philosophoie*. 2005, n.º 24, pp. 188-205.

LAMPL, H. E. "Ex oblivione: das Féré-Palimpsest". In: *Nietzsche Studien*, Band 15, Berlin : Walter de Gruyter, 1986, pp. 225-264.

MOREL, B. A. *Traité des dégénérescences physiques, intellectuelles et morales de l'espèce humaine et des causes qui produisent ces variétés malades*. Paris: J. -B. Baillière, 1857.

NIETZSCHE, Friedrich. *Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe (KSA)*. Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari. 15 Bände. Berlin: Walter de Gruyter.

NIETZSCHE, Friedrich. *Sämtliche Briefe Kritische Studienausgabe. (KSB)*. Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazino Montinari. Berlin/München/New

York: Walter de Gruyter/DTV, Band 8, 1988.

NIETZSCHE, Friedrich. *Nietzsche Briefwechsel. Kritische Gesamtausgabe*. (KGB III/6), Briefe an Nietzsche. Januar 1887–Januar 1889. Herausgegeben von: Colli, Giorgio; Montinari,azzino. Berlin, New York: Walter de Gruyter, 1975.

NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce homo: como alguém se torna o que é*. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

NIETZSCHE, Friedrich. *O Anticristo: maldição ao cristianismo / Ditirambos de Dionísio*. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

RENAN, Ernest. *Vie de Jésus*. Paris: Calman Lévy, 1883.

SCHMITT, Carl. *La notion du politique*. Traduction d'Marie-Louise Steinhäuser. Paris: Flammarion, 1992.

SÉGUIN, Édouard. "Hygiène et éducation des idiots". In: *Annales d'hygiène publique et de médecine légale*. Série 1, n° 30. Paris: Jean-Baptiste Baillière, 1843, pp. 61-114.

SÉGUIN, Édouard. *Traitement moral, hygiène et éducation des idiots*. Paris: J. -B. Baillière, 1846.

SÉGUIN, Édouard. *Premiers mémoires sur le idiotie (1838-1843)*. Préface par Bourneville. Paris: Félix Alcan, 1897.

SOMMER, Andreas Urs. *Friedrich Nietzsches "Der Antichrist". Ein philosophisch historischer kommentar*. Basel: Schwabe e Co. ^a G./Verlag, 2000.

STRAUSS, David Friedrich. *Das Leben Jesu: kritisch bearbeitet*. Zweite, verbesserte Auflage. Tübingen: C. F. Osiander, 1837.

TOLSTÓI, Léon. *Ma Religion*. Paris: Libraire Fischbacher, 1885.

VOISIN, Félix. *De l'idiotie chez les enfants et des autres particularités d'intelligence ou de caractère qui nécessitent pour eux une instruction et une éducation spéciales. De leur responsabilité morale*. Paris: J. -B. Baillière, 1843.

VOISIN, Jules. *L'idiotie hérédité et dégénérescence mentale psychologie et éducation de l'idiot, leçons professées a l'Hospice de la Salpêtrière*. Paris, Félix Alcan, 1893.

WAHRIG-SCHMIDT, Bettina. „Irgendwie, jedenfalls physiologisch. Friedrich Nietzsche, Alexandre Herzen (fils) und Charles Féré 1888“. In: *Nietzsche Studien*, Band 17, Berlin : Walter de Gruyter, 1988, pp. 434-464.

Recebido / Received: 23/07/2025

Aprovado / Approved: 12/09/2025